

OS VERBOS RECÍPROCOS NO PB E A HIPÓTESE DA DETERMINAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL SOBRE A SINTAXE

Luisa GODOY¹

- RESUMO: Neste artigo, lidamos com a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe, apresentando uma classe verbal ainda inexplorada no PB – os verbos recíprocos. Discutimos, baseados na literatura, a motivação para a formulação de tal hipótese e apresentamos uma descrição dos verbos recíprocos, identificando que propriedades sintáticas e semânticas são relevantes para o agrupamento desses verbos em uma classe. Buscamos, de um lado, corroborar a hipótese, mostrando a sua pertinência no estudo das alternâncias verbais no PB e, de outro, explorá-la, refletindo sobre a natureza das informações semânticas presentes no léxico que são relevantes para a estruturação sintática.
- PALAVRAS-CHAVE: Léxico. Semântica lexical. Interface sintaxe-semântica. Verbos recíprocos.

Introdução

Vários trabalhos que buscam investigar a relação do léxico com fenômenos sintáticos e semânticos, dentre outros, Dixon (1992), Dowty (1989, 1991, 2001), Hale e Keyser (1987), Levin (1993), Levin e Rappaport-Hovav (2002, 2005), Pinker (1989), Tenny (1994) e, no Brasil, Caçado (2000, 2003, 2005, 2007), Ciriaco (2007), Corrêa e Caçado (2006), Moreira (2000) e Whitaker-Franchi (1989), assumem a seguinte hipótese de pesquisa: a informação semântica dos itens lexicais pode determinar o comportamento sintático dos mesmos. Entende-se que itens que demonstram um comportamento semelhante na sintaxe compartilham, no nível lexical, um mesmo traço de significado. Essa hipótese se aplica especialmente a casos de alternâncias de diátese, em que um mesmo item lexical ocorre na sintaxe de duas (ou mais) formas, isto é, apresenta duas (ou mais) configurações argumentais. Neste trabalho, falaremos de alternâncias verbais.

Dentre os autores mencionados, elegemos, para a elucidação e uma consequente discussão da hipótese, o texto introdutório de Levin (1993) ao seu levantamento de alternâncias verbais da língua inglesa. Seguiremos, na primeira seção, a sua linha de argumentação, usando alguns exemplos do PB e a análise

¹ UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras – Núcleo de Pesquisa em Semântica, Belo Horizonte – MG – Brasil – 31270-901 – luisagodoy@gmail.com.

que Ciríaco (2007) lhes fornece. Na segunda seção, apresentamos uma descrição da classe dos verbos recíprocos, ainda inexplorada no PB. Na seção seguinte, usamos os resultados descritivos para discutir sobre a natureza das propriedades semântico-lexicais sintaticamente relevantes e, na última seção, concluímos o texto.

A hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe

Há certo tipo de conhecimento que os falantes têm sobre o comportamento dos verbos de sua língua que não pode ser explicado por regras sintáticas. Tomemos o falante do PB. Ele sabe que os verbos *carregar* e *quebrar* têm a mesma subcategorização – selecionam um SN como complemento – e a sintaxe utiliza essa informação lexical para formar as sentenças gramaticais *João carregou o vaso* e *João quebrou o vaso*. No entanto, apenas *quebrar* participa da alternância causativo-ergativa, podendo formar uma sentença intransitiva-ergativa como *O vaso quebrou*. Não existe uma sentença como essa com o verbo *carregar*: **O vaso carregou*. Essa possibilidade para o verbo *quebrar* não pode ser descrita por uma regra sintática, que deveria se aplicar uniformemente a todo verbo transitivo.

O fato de um fenômeno como a alternância causativo-ergativa ocorrer com alguns verbos e não com outros é a motivação para alguns autores postularem a existência de regras lexicais (CHOMSKY, 1981), (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 1986). A ideia é que há regras gramaticais que se aplicam dentro do léxico, derivando uma segunda entrada lexical para certo item. O verbo *quebrar*, por exemplo, inicialmente transitivo, sofreria uma regra de apagamento de seu argumento externo, tornando-se inacusativo ou ergativo (KEYSER; ROEPER, 1984).

O debate sobre se os mecanismos que alteram a estrutura argumental dos verbos são regras lexicais, sintáticas, parcialmente lexicais/sintáticas ou mesmo “construções”, na acepção de Goldberg (1995), não nos interessa aqui. Qualquer que seja o mecanismo proposto, impõe-se uma mesma pergunta: por que certo fenômeno, como a alternância causativo-ergativa (ou a regra lexical do apagamento do argumento externo) aplica-se a um item, como *quebrar*, e não a outro, como *carregar*?

Poder-se-ia postular que há uma informação lexical idiossincrática associada a *quebrar*, e não a *carregar*, isto é, que o aprendiz de PB tem de decorar quais os verbos transitivos ocorrem numa forma intransitiva-ergativa, como *quebrar*, e quais verbos só ocorrem na forma transitiva-causativa, como *carregar*. Entretanto, há evidências empíricas de que essa informação lexical não é idiossincrática, mas sistemática em relação à semântica dos verbos. Verbos que apresentam o mesmo comportamento sintático de *quebrar*, como *abrir* e *afundar* (*João abriu*

a porta > A porta abriu; João afundou a boia > A boia afundou), compartilham traços semelhantes de sentido. Tanto *quebrar* quanto *abrir* e *afundar* descrevem eventos que podem ser causados por outro evento (como em *O tombo que João levou quebrou o vaso*, *O tropeção que João deu abriu a porta* e *O furo que João fez na borracha afundou a boia*). O verbo *carregar*, por outro lado, descreve um evento que não pode ser causado por outro evento (**O empurrão que João levou carregou o vaso*), ou seja, *quebrar*, *abrir* e *afundar* podem ter causas diretas ou indiretas, mas *carregar* só pode ter uma causa direta². Portanto, parece que uma propriedade do sentido (a possibilidade de uma causa indireta) dos itens lexicais *quebrar*, *abrir* e *afundar* é relevante para a alternância causativo-ergativa que apresentam.

Partindo de evidências empíricas como a apresentada acima, é possível pensar que as propriedades semântico-lexicais sejam, de forma geral, relevantes para a estruturação sintática. Essa generalização constitui uma hipótese de pesquisa, a qual, na argumentação de Levin (1993), toma uma direção bastante radical. A autora especula, retomando uma ideia de Chomsky (1986), que talvez a única informação existente no léxico seja o sentido idiossincrático do item. O número de argumentos que um verbo toma para ser saturado, os papéis temáticos associados a esses argumentos, a sua subcategorização ou transitividade, enfim, as informações normalmente atribuídas à entrada lexical seriam deduzidas de uma única informação lexical: o sentido individual de cada item verbal. Dessa forma, como aponta a autora, haveria um retorno à concepção bloomfieldiana de léxico – uma lista de sentidos idiossincráticos (e mais nada).

Neste trabalho, não adotamos essa extensão radical da hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe. Pelo contrário, visamos a distinguir tipos de informações lexicais, e não unificá-las em um sentido idiossincrático. Retomando o exemplo acima, entendemos, conforme o trabalho de Ciriaco (2007), que a propriedade da causa direta ou indireta pertence à grade temática do verbo, mas mostraremos que uma propriedade lógica do item verbal, independentemente de quais papéis temáticos ele atribui, também pode ser relevante para o seu comportamento na sintaxe. Metodologicamente, essa decomposição da informação semântico-lexical em níveis é bastante elucidativa.

Passemos à apresentação da classe dos verbos recíprocos no PB, conforme descrita em Godoy (2008).

² O trabalho de Ciriaco (2007) apresenta essa análise de maneira mais formalizada e detalhada. O que chamamos informalmente de “causa”, por exemplo, é a propriedade temática de Desencadeador, como proposta por Cançado (2005). Remetemos o leitor interessado ao trabalho original da autora.

Descrição da classe dos verbos recíprocos no PB: o objeto de estudo

Em PB, diversos tipos de construções podem expressar a ideia de reciprocidade:

- (1) João ama Maria e Maria ama João.
- (2) João e Maria amam um ao outro.
- (3) João e Maria se amam.
- (4) João e Maria concordam.

Em (1), temos o que Maslova e Nedjalkov (2005) chamam de expressão icônica da reciprocidade. A iconicidade se deve à repetição do verbo, que reflete a duplicidade do evento no mundo, sendo esse tipo de construção um mecanismo universal de expressão da reciprocidade. Como demonstram os autores em um levantamento tipológico, as línguas se diferem quanto à expressão não-icônica da reciprocidade. Em português, a expressão não-icônica, gramatical, pode ser construída com o SN *um...o outro*, como em (2), que é bem traduzido pelo *each other* do inglês, ou pela partícula *se*, como em (3), comum às demais línguas românicas, mas inexistente em inglês. Vale observar, conforme Maslova (2007), que o clítico *se* é uma marca ambígua, podendo expressar tanto reciprocidade quanto reflexividade. Enfim, nas sentenças de (1) a (3), a ideia de reciprocidade é veiculada de forma composicional, pois deriva de certa composição dos itens na sentença, o que podemos chamar de um mecanismo linguístico de reciprocidade. O último tipo de sentença que expressa reciprocidade em português, como em (4), no entanto, não conta com nenhum mecanismo que expresse a reciprocidade – repetição do verbo, adição de sintagmas ou partículas que veiculem esse sentido. É o único caso, dentre os quatro arrolados, de reciprocidade veiculada não-composicionalmente. Trata-se de um verbo que contém lexicalmente o sentido da reciprocidade.

O verbo *concordar* não é um idiomatismo. Existem muitos outros exemplos no PB:

- (5) João e Maria conversaram.
- (6) João e Maria trombaram.
- (7) João e Maria flertaram.

Chamaremos esses verbos nas sentenças de (4) a (7) de “verbos recíprocos”. Veja que verbos que não pertencem a esse grupo, em um mesmo tipo de construção sintática, não expressam reciprocidade:

(8) João e Maria chegaram.

Sendo essa construção não-recíproca em (8) formalmente idêntica às construções em (4)-(7), percebe-se que a reciprocidade reside mesmo no sentido dos verbos daquelas sentenças. Em (1)-(3), portanto, há reciprocidade composicional, em (4)-(7), há reciprocidade lexical e em (8), não há reciprocidade.

Os verbos recíprocos têm uma particularidade: apresentam, além das formas em (4)-(7), que chamaremos de simples, uma versão descontínua, como em (9)-(12) abaixo:

(9) João concorda com Maria.

(10) João conversou com Maria.

(11) João trombou com Maria.

(12) João flertou com Maria.

Alguns verbos não-recíprocos podem formar construções similares sintaticamente, no entanto, elas não expressam reciprocidade, mas outros sentidos, como o de companhia:

(13) João chegou com Maria.

Isolamos os verbos lexicalmente recíprocos como *concordar*, *conversar*, *trombar* e *divergir* de verbos como *amar* e *chegar*, que não contêm o sentido da reciprocidade no nível lexical (podendo veiculá-lo apenas na sintaxe, em composição com outros itens). Aqueles, e não estes, constituem o objeto de estudo deste trabalho.

A literatura atual, em geral, trata de mecanismos de reciprocidade em sentenças com verbos não-recíprocos (DIMITRIADIS, 2004, 2005; DIXON, 1992; HEIM; LASNIK; MAY, 1991; MASLOVA; NEDJALKOV, 2005; MASLOVA 2007; REINHART; SILONI, 2005; SILONI, 2001, 2007; WILLIAMS, 1991). Apenas um ou outro trabalho (DIXON, 1992; SILONI, 2001, 2007) menciona a existência de verbos lexicalmente recíprocos. Há um trabalho especificamente sobre esses verbos, mas para a língua francesa (BORILLO, 1971). A sua perspectiva teórica é mais antiga (sintaxe transformacional) e divergente da perspectiva aqui adotada. Para o português, há uma aplicação do trabalho de Borillo (FONSECA, 1984), que lista exemplos na nossa língua, mas não oferece uma análise própria.

Portanto, de maneira geral, podemos dizer que os verbos lexicalmente recíprocos são ainda inexplorados, principalmente para o PB. Em busca de uma definição desse objeto, podemos dizer que os verbos recíprocos são verbos que,

de um ponto de vista semântico, veiculam lexicalmente a ideia de reciprocidade e, de um ponto de vista sintático, ocorrem em duas diáteses, alternando-se entre as formas simples e descontínua. Expliquemos, então, o que são essas duas ocorrências sintáticas.

As formas simples e descontínua

Na forma simples, os participantes do evento recíproco estão descritos em um só argumento. Nos exemplos em (4)-(7), esse argumento é *João e Maria*, que ocupa a posição de sujeito. Devemos aqui atentar para uma distinção importante: a diferença entre os participantes do evento no mundo, denotados pelos argumentos das sentenças, e os argumentos em si, que ocupam certas posições sintáticas. O argumento-sujeito na forma simples dos verbos recíprocos deve sempre ter uma denotação plural, apontando para um conjunto de participantes no mundo, ainda que o SN seja morfossintaticamente singular. Observemos o verbo recíproco *flertar*:

(14) O casal flertou.

(15) *João flertou.

(16) Eles flertaram.

Em (14), o argumento *o casal* denota uma pluralidade de participantes no mundo, mesmo sendo singular a sua expressão morfossintática (é coletivo). Mas o argumento *João* em (15) tem uma denotação singular, por isso a sentença é agramatical. A forma simples dos verbos recíprocos, então, deve ter um argumento de denotação plural, podendo ser um SN plural, como em (16), um SN composto de nomes coordenados, como em (7), e até um SN singular de denotação coletiva, como em (14), mas não um SN singular de denotação também singular, como em (15).

Atentemos agora para a forma descontínua de *flertar*, como em (12). Nessa sentença, os participantes do evento são descritos por dois argumentos – um ocupando a posição de sujeito (*João*) e o outro introduzido pela preposição *com* (*Maria*). Na forma descontínua, não há exigência quanto à denotação dos argumentos. Em (12), ambos os argumentos denotam um só participante e em (17), abaixo, ambos denotam uma pluralidade de participantes:

(17) Os rapazes flertaram com as garotas.

Como vimos, há verbos não-recíprocos que podem ocorrer em construções sintaticamente análogas, como *jantar*, abaixo:

(18) João e Maria jantaram.

(19) João jantou com Maria.

Apesar de *jantar* poder formar uma construção similar à simples, como em (18), e também uma similar à descontínua, como em (19), não é um verbo recíproco como *flertar*. Tendo definido verbo recíproco como um verbo que apresenta uma faceta sintática – a ocorrência nas formas simples e descontínua – e uma faceta semântica – a reciprocidade lexical –, poderíamos apenas dizer que *jantar* não apresenta a faceta semântica. No entanto, é possível valer-nos de alguns testes para distinguir, de maneira mais empírica, verbos recíprocos de verbos não-recíprocos.

Identificando um verbo recíproco

O primeiro teste que indica que um verbo é lexicalmente recíproco é o do acarretamento sentencial. O acarretamento é uma noção lógica aplicada ao estudo do significado nas línguas naturais e traduz uma relação entre sentenças. Se a informação de uma sentença (b) está contida na informação de uma sentença (a), ou, dizendo de outro modo, se a sentença (b) é necessariamente verdadeira apenas por (a) ser verdade, então, dizemos que (a) acarreta (b). Por exemplo, se é verdade que *João e Maria flertaram*, é necessariamente verdade que *João flertou com Maria* e que *Maria flertou com João*. Utilizando a noção de acarretamento dessa maneira, percebemos que, se um verbo é lexicalmente recíproco, ele acarreta, na sua forma simples, sentenças descontínuas.

Tomemos o verbo *jantar*. Se é verdade que *João e Maria jantaram*, não é necessariamente verdade que *João jantou com Maria* e/ou que *Maria jantou com João*. O que a sentença acarreta é que *João jantou* e que *Maria jantou*, podendo ser usada, por exemplo, na descrição de uma situação em que os participantes jantaram em lugares e momentos diferentes, sem sequer terem se encontrado. O verbo *jantar*, portanto, não é recíproco. Na verdade, a construção *João e Maria jantaram* é ambígua, podendo descrever uma soma de participantes em um único evento ou uma soma de eventos com um participante em cada, mas não uma relação de reciprocidade entre os participantes.

Testemos com o acarretamento os verbos *brigar* e *passear* para mais exemplos. As sentenças (a) são construções simples e as sentenças (b) e (c) são os acarretamentos das sentenças (a):

(20) a. João e Maria brigaram.

b. João brigou com Maria.

- c. Maria brigou com João.
- (21) a. João e Maria passearam.
b. João passeou.
c. Maria passeou.

Brigar, em sua forma simples, acarreta sentenças descontínuas, mas *passear*, não. Portanto, apenas *brigar* é um verbo recíproco. É possível que a sentença em (21a) descreva um evento que também poderia ser descrito por *João passeou com Maria*, mas essa construção não é acarretada pela construção em (21a).

Um segundo teste para a identificação de um verbo recíproco consiste em forjar uma sentença formalmente similar à forma simples, porém, com um argumento de denotação singular. Nessas condições, um verbo recíproco formará uma sentença agramatical, como vimos em (15), reproduzida abaixo em (22), mas um verbo não-recíproco formará uma boa sentença:

- (22) *João flertou.
(23) João jantou.
(24) *João brigou.
(25) João passeou.

Esse segundo teste indica que *flertar* e *brigar* são verbos recíprocos, mas *jantar* e *passear*, não. A agramaticalidade de (22) e (24) se explica facilmente. Para ser bem sucedida a expressão da reciprocidade contida lexicalmente em verbos como *flertar* e *brigar*, é preciso que a sentença aponte pelo menos dois participantes no mundo. Isso é feito, na forma simples, com um argumento de denotação plural e, na forma descontínua, com dois argumentos denotando os participantes, mas, nas sentenças em (22) e (24), apenas um participante é apontado.

O terceiro e último teste se aplica à forma descontínua. Verbos não-recíprocos como *jantar* e *passear*, se formarem sentenças similares à forma descontínua (em que há um argumento preposicionado por *com* em posição de adjunção), aceitam a composição com a palavra *junto*, mas verbos lexicalmente recíprocos como *flertar* e *brigar* formam sentenças estranhas nessa composição:

- (26) a. João jantou com Maria.
b. João jantou junto com Maria.
- (27) a. João passeou com Maria
b. João passeou junto com Maria.

- (28) a. João flertou com Maria.
b. ??João flertou junto com Maria.
- (29) a. João brigou com Maria.
b. ??João brigou junto com Maria.

Esse teste indica que verbos não-lexicalmente recíprocos como *jantar* e *passar*, mesmo formando uma sentença sintaticamente similar à forma descontínua dos verbos recíprocos, não expressam reciprocidade, mas um sentido como o de companhia. Por isso, aceitam a composição com *junto*, que reforça ou explicita esse sentido. Entretanto, a relação entre os participantes denotados por sentenças como (28) e (29) é mesmo a de reciprocidade, não a de companhia, por isso, a composição com um adjunto de companhia formará uma sentença estranha.

Alguns exemplos dos diversos verbos recíprocos que podemos encontrar no PB por meio dos testes propostos são: *brindar*, *conviver*, *rimar*, *combinar*, *confraternizar*, *conversar*, *empatar*, *fofocar*, *reatar*, *tabelar*, *transar*, dentre tantos outros. Lembramos que todos esses verbos apresentam a alternância entre uma forma simples e uma descontínua.

Verbos recíprocos transitivos

Há um grupo de verbos que apresentam uma forma um pouco diferente, no entanto, parecem ser também lexicalmente recíprocos. Tomemos como exemplo *juntar* e *comparar*.

- (30) João juntou o leite e a farinha.
- (31) João compara a irmã e a namorada.

Esses verbos também veiculam a ideia de reciprocidade, no entanto, os participantes dessa relação, na sentença (30), são o leite e a farinha e, em (31), a irmã e a namorada. Percebe-se, então, que os participantes da reciprocidade são denotados pelo argumento em posição de complemento. Os verbos *juntar* e *comparar*, da forma como estão em (30) e (31), apresentam os seguintes acarretamentos:

- (32) a. João juntou o leite e a farinha.
b. João juntou o leite com a farinha.
c. João juntou a farinha com o leite.
- (33) a. João compara a irmã e a namorada.

- b. João compara a irmã com a namorada.
- c. João compara a namorada com a irmã.

As sentenças acarretadas em (b) e (c) acima parecem ser formas descontínuas, pois os participantes da reciprocidade são denotados por dois argumentos, um deles preposicionado. Da mesma maneira, as sentenças em (a) parecem ser formas simples, na qual os participantes da reciprocidade são apontados por um argumento de denotação plural (o argumento complemento). Logo, *juntar* e *comparar* parecem ser verbos recíprocos, pois acarretam sentenças descontínuas a partir de sua forma simples, conforme o primeiro teste proposto para a identificação de verbos recíprocos. *Juntar* e *comparar* se diferem de verbos recíprocos como *flertar* por dois pontos: 1) apresentam um complemento verbal e 2) denotam os participantes da reciprocidade nesse argumento-complemento, e não no argumento-sujeito. A fim de perceber que *juntar* e *comparar* são de fato verbos recíprocos, comparemo-los a um verbo transitivo não-recíproco como *pegar*:

- (34) a. João pegou o leite e a farinha.
- b. João pegou o leite.
- c. João pegou a farinha.

Pegar pode formar uma construção sintaticamente similar à forma simples de *juntar* e *comparar* ((30) e (31)), mas não acarreta sentenças descontínuas. Não se verifica, portanto, a reciprocidade lexical desse verbo. Da mesma forma, utilizando-nos do segundo teste proposto, vemos que *pegar* forma uma boa sentença se o argumento-complemento tiver denotação singular, mas *juntar* e *comparar*, a menos que se entenda um argumento implícito, formam uma sentença agramatical:

- (35) João pegou o leite.
- (36) *João juntou o leite.
- (37) *João comparou a namorada.

O terceiro e último teste – a composição com *junto* – não parece se aplicar a verbos transitivos, pois forma sentenças estranhas tanto com verbos não-recíprocos como *pegar* (?João pegou o leite junto com a farinha) quanto com verbos a serem testados como recíprocos, como *juntar* e *comparar* (??João comparou a namorada junto com a irmã).

Talvez a transitividade mais estudada dos verbos recíprocos seja como a do verbo *flertar*, em que os participantes do evento recíproco são denotados, na

forma simples, pelo argumento externo (*João e Maria flertaram*). Poucos trabalhos (BORILLO, 1971; SILONI, 2001, 2007) registram a ocorrência de verbos como *juntar* e *comparar*, que denotam os participantes da relação de reciprocidade no argumento interno. No entanto, esses verbos são bastante numerosos em PB. Eis alguns exemplos: *confundir*, *embaralhar*, *misturar*, *reunir*, *afastar*. Borillo (1971) também observa que, em francês, verbos recíprocos transitivos são numerosos. Fonseca (1984, p.395) discorda que esses verbos integrem a classe dos verbos recíprocos, sem, no entanto, apresentar uma argumentação consistente para isso. O autor diz que essa extensão da noção de simetria (entendida aqui como reciprocidade) é “excessiva” e “sem relevância e utilidade”.

Neste trabalho, entendemos que a noção de reciprocidade deve ser estendida a verbos como *juntar* e *comparar*, que aceitam os testes propostos. Apesar de esses testes não serem infalíveis, eles se configuram como pistas para o diagnóstico de que um verbo transitivo como *juntar*, assim como o intransitivo *flertar*, apresenta as duas facetas de um verbo recíproco: a semântica – a informação da reciprocidade em nível lexical – e a sintática – a dupla ocorrência de formas, simples e descontínua. Qualquer que seja a sua transitividade, um verbo recíproco apresenta uma forma simples, em que os participantes da reciprocidade são denotados por um argumento em posição estrutural na sentença (o argumento externo em verbos como *flertar* e o argumento interno em verbos como *juntar*), e uma forma descontínua, em que os participantes são denotados separadamente por dois argumentos, um deles em posição estrutural (sujeito ou complemento) e o outro introduzido na sintaxe por preposição em posição de adjunção. Os verbos não-recíprocos podem eventualmente formar construções formalmente similares às construções simples ou descontínuas dos verbos recíprocos, como mostramos em (18), (19), (21a), (26a), (27a) e (34a). No entanto, os verbos lexicalmente recíprocos apresentam necessariamente as duas formas.

Não é, portanto, uma transitividade específica que reúne os verbos recíprocos em uma classe. O que esses verbos compartilham, identificando-os como um grupo, é outra característica sintática: o fato de cada verbo alternar sua forma sintática, ocorrendo ora em uma forma simples (um ou dois argumentos em posição estrutural – sujeito ou sujeito e complemento), ora em uma forma descontínua (um ou dois argumentos em posição estrutural mais um argumento preposicionado em posição de adjunção). A propriedade sintática dessa classe, que soma cerca de 200 verbos em PB³, é uma alternância verbal.

³ Para uma vasta listagem, descrição e exemplificação dos verbos recíprocos em PB e uma análise semântica da alternância simples-descontínua, consulte-se Godoy (2008).

A natureza da propriedade semântico-lexical relevante para uma alternância verbal

Seguindo a hipótese apresentada na primeira seção, as alternâncias verbais podem ser explicadas por um princípio gramatical (quer seja uma regra lexical, sintática, ou mesmo uma construção) que relaciona uma propriedade semântico-lexical a um comportamento sintático. Por isso, essa propriedade semântico-lexical é referida como sendo relevante sintaticamente, pois o verbo que a contiver se comportará na sintaxe de determinada maneira.

As propriedades semânticas relevantes na alternância causativo-ergativa, como vimos pelo trabalho de Ciríaco (2007), são de natureza temática, ou seja, os verbos que participam dessa alternância compartilham uma mesma configuração temática (são verbos causativos compatíveis com uma causa indireta associada a seu argumento externo). Os verbos recíprocos, por outro lado, não têm uma mesma configuração temática.

Dentre os verbos recíprocos intransitivos, há verbos como *brigar*, que são agentivos, pois atribuem o papel de agente a seu argumento externo, verbos como *coexistir*, que são estativos, atribuindo o papel de objeto estativo, e verbos de afetação, como *colidir*, que atribuem o papel de afetado ao argumento-sujeito. Dentre os verbos recíprocos transitivos, há verbos psicológicos, que atribuem o papel de experienciador a seu argumento externo, como *comparar*, e também verbos causativos, como *fundir*, atribuindo o papel de causa ao argumento externo e o de afetado ao argumento interno. Assim, a propriedade semântica que se relaciona à propriedade sintática dos verbos recíprocos (a alternância entre as formas simples e descontínua) não pode ser de natureza temática, como é o caso dos verbos participantes da alternância causativo-ergativa. A propriedade relevante aqui pertence a outro componente do significado do verbo, e não à sua grade temática.

Essa propriedade semântica comum aos verbos recíprocos é a reciprocidade, uma relação que o verbo estabelece entre os participantes do evento que descreve, quaisquer que sejam os papéis ou funções dos participantes nesse evento e qualquer que seja o tipo de evento (acional, processual, estativo, psicológico ou causativo). Essa relação de reciprocidade parece pertencer ao componente lógico do significado do verbo recíproco. Expliquemos melhor essa intuição.

Heim, Lasnik e May (1991), em um texto fundamental para o estudo das construções recíprocas, analisam a anáfora *each other* no inglês, estendendo a análise às construções recíprocas românicas com *se*:

(38) They like each other.

(39) João e Maria se amam.

Note-se que se trata de mecanismos de reciprocidade compostos com verbos não-recíprocos. Os autores propõem que as anáforas *each other* e *se* sejam operadores lógico-formais que incidem sobre os predicados e seus argumentos. Esses operadores, chamados “reciprocadores” (“*reciprocators*”), realizam uma relação lógica entre os participantes do evento descrito pelo verbo. Williams (1991), discutindo o texto de Heim, Lasnik e May (1991), acrescenta que as línguas têm versões simples dessas estruturas formais, e cita o verbo *collide* (colidir), sugerindo que verbos como este têm intrínseco o operador reciprocador.

Podemos então considerar a reciprocidade uma propriedade semântica pertencente a um componente lógico do significado dos verbos recíprocos e não à sua grade temática. Assim, haveria, no português, operadores de reciprocidade autônomos, como *se* e *um ao outro*, que se compõem com verbos não-recíprocos, e operadores de reciprocidade intrínsecos a certos verbos, os verbos recíprocos. Esses verbos determinam lexicalmente, e não composicionalmente, uma relação de reciprocidade entre os participantes, quaisquer que sejam, no nível das relações de predicação, os tipos de eventos ou de grades temáticas.

A reciprocidade é uma propriedade semântica comum aos verbos que alternam sua diátese entre as formas simples e descontínua. É, por isso, uma propriedade semântico-lexical sintaticamente relevante, ainda que de natureza lógica. As propriedades semântico-lexicais relevantes sintaticamente, portanto, podem ter naturezas diferentes: para a alternância causativo-ergativa, a propriedade relevante é de natureza temática; para a alternância simples-descontínua dos verbos recíprocos, a propriedade relevante é de natureza lógica.

Levin e Rappaport-Hovav (2002) também discutem a natureza das propriedades semânticas relevantes sintaticamente. Elas argumentam que as propriedades aspectuais têm sido superestimadas na análise de certos fenômenos, como o da inacusatividade. Tenny (1994) é quem mais radicalmente assume tal postura, dizendo que o único traço semântico relevante para o link entre a entrada lexical e a expressão sintática dos argumentos é o aspecto verbal. Levin e Rappaport-Hovav, em seu texto, visam a demonstrar que o tipo de complexidade do evento expresso pelo verbo é que determina o fenômeno da inacusatividade.

Sem entrar nas noções de evento e de complexidade de eventos, como propostas pelas autoras, vale aqui reafirmar que a informação semântica presente no léxico pode ser distinguida em tipos ou níveis. Parece haver traços temáticos,

lógicos, aspectuais, eventuais ou idiossincráticos e alguns deles são relevantes para a estruturação sintática, em relação a determinado fenômeno.

Considerações finais

Inicialmente, explicitamos a argumentação, nas linhas de Levin (1993), para que se postule a hipótese da determinação semântico-lexical sobre a sintaxe, tomando como exemplo a análise de Ciríaco (2007) para a alternância causativo-ergativa em PB. Em seguida, apresentamos os verbos recíprocos como uma classe verbal inexplorada no PB. Caracterizamos as formas simples e descontínua: a forma simples denota os participantes da relação de reciprocidade expressa pelo verbo em um argumento de denotação plural; a forma descontínua denota os participantes da reciprocidade em dois argumentos, um deles introduzido na sintaxe por preposição. Apresentamos três testes para se identificar um verbo recíproco no PB: o do acarretamento, o da denotação singular e o da composição com *junto*. Argumentamos que verbos que expressam a relação de reciprocidade no argumento interno, como *juntar*, também pertencem à classe. Mostramos que os verbos recíprocos podem apresentar diversas transitividades e grades temáticas. Assim, percebemos que a propriedade sintática que reúne esses verbos é a alternância entre as formas simples e descontínua, não a transitividade, e que a propriedade semântica que se relaciona a esse comportamento sintático é a reciprocidade, que parece ser uma propriedade lógica, não temática. Essa propriedade semântica, portanto, é relevante sintaticamente, pois o verbo que a contiver se manifestará de duas maneiras na sintaxe: nas formas simples e descontínuas.

Corroboramos, pois, com esses resultados, a hipótese de que há propriedades semânticas, presentes na informação lexical dos itens, que determinam o seu comportamento sintático. Também expandimos a hipótese, argumentando que as propriedades semântico-lexicais relevantes sintaticamente podem ter naturezas diferentes.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq e à Capes pelo auxílio a esta pesquisa.

GODOY, L. Reciprocal verbs in Brazilian Portuguese and the hypothesis of a lexical-semantic determination in syntax. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.283-299, 2009.

- *ABSTRACT: This paper deals with the hypothesis of a lexical-semantic determination in syntax, presenting a verbal class which hasn't yet been studied in Brazilian Portuguese, the so called "reciprocal verbs". Based on current literature, the motivation for the hypothesis is discussed and in turn it is presented a description of the reciprocal verbs by identifying both*

syntactic and semantic properties that are relevant for grouping these verbs together. The paper aims, on the hand, to confirm the hypothesis and, on the other, to explore it by pondering on the nature of the lexical-semantic information that is relevant to syntax.

- **KEYWORDS:** *Lexicon. Lexical semantics. Syntax-semantics interface. Reciprocal verbs.*

REFERÊNCIAS

BORILLO, A. Remarques sur les verbes symétriques français. *Langue française*, Paris, v.11, p.17-31, 1971.

CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007. Não-publicado.

_____. Propriedades semânticas e posições argumentais. *DELTA*, São Paulo v.21, n.1, p.23-56, 2005.

_____. Um estatuto teórico para os papéis temáticos. In: MULLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; FOLTRAN, M. J. (Org.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, 2003. p.95-124.

_____. O papel do léxico em uma teoria de papéis temáticos. *DELTA*, São Paulo, v.16, n.2, p.297-321, 2000.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

_____. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CIRÍACO, L. *A alternância causativo-ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas*. 2007. 112f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.14, n.2, p.1-25, 2006.

DIMITRIADIS, A. The event structure of irreducibly symmetric reciprocals. In: DOLLING, J.; HEYDE-ZYBATOW, T. (Ed.). *Event structures in linguistic form and interpretation*. Berlin: De Gruyter, 2005. p.327-354.

_____. Discontinuous reciprocals. Utrecht: Utrecht Institute of Linguistics, 2004. Disponível em: <<http://www.let.uu.nl/~alexis.dimitriadis/personal/papers/discon-long-ms04.pdf>> Acesso em: 01 jul. 2008.

DIXON, R. M. W. *A new approach to English grammar, on semantic principles*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

DOWTY, D. The semantic asymmetry of 'argument alternations' (and why it matters). In: VAN DER MEER, G.; TER MEULEN, A. G. B. (Ed.). *Making sense: from lexeme to discourse*. Groningen: Center for Language and Cognition Groningen, 2001. p.1-16. (Groninger Arbeiten zur germanistischen linguistics, n.44).

_____. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, Baltimore, v.67, n.3, p.547-619, 1991.

_____. On the semantic content of the notion of thematic role. In: CHIERCHIA, G.; HALL-PARTEE, B.; TURNER, R. (Ed.). *Properties, types and meaning*. Dordrecht: Kluwer, 1989. v.2, p.69-129.

FONSECA, J. Verbos simétricos. *Boletim de filologia*, Lisboa, v.2, p.383-403, 1984.

GODOY, L. A. G. *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. 2008. 86f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HALE, K. L.; KEYSER, S. J. *A view from the middle*. Cambridge: MIT, 1987. (Lexicon project working papers, 10).

HEIM, I.; LASNIK, H.; MAY, R. Reciprocity and plurality. *Linguistic Inquiry*, Cambridge v.22, n.1, p.63-101, 1991.

KEYSER, S. J.; ROEPER, T. On the middle and ergative constructions in English. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.15, n.2, p.381-416, 1984.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. *Argument realization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. The semantic determinants of argument expression: a view from the English resultative construction. In: GUÉRON, J.; LECARME, J. (Ed.). *The syntax of time*. Cambridge: MIT Press, 2002. p.477-494.

_____. The formation of adjectival passives. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.17, n.4, p.623-661, 1986.

MASLOVA, E. Reflexive encoding of reciprocity: cross-linguistics and language internal variation. In: KÖNIG, E.; GAST, V. (Ed.). *Reciprocals and reflexives: cross-linguistics and theoretical explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p.225-258.

MASLOVA, E.; NEDJALKOV, V. P. Reciprocal constructions. In: HASPELMATH, M. et al. (Ed.). *The world atlas of language structures*. New York: Oxford University Press, 2005. p.430-433.

MOREIRA, C. *Princípio de ligação sintaxe/semântica: construções estativas*. 2000. 93f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

PINKER, S. *Learnability and cognition: the acquisition of argument structure*. Cambridge: MIT Press, 1989.

REINHART, T.; SILONI, T. The lexicon-syntax parameter: reflexivization and other arity operations. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.36, n.3, p.389-436, 2005.

SILONI, T. The syntax of reciprocal verbs: an overview. In: KÖNIG, E.; GAST, V. (Ed.). *Reciprocals and reflexives: cross-linguistics and theoretical explorations*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p.451-498.

_____. Reciprocal verbs. In: FALK, Y. (Ed.). *Proceedings of Israel association for theoretical linguistics*. Jerusalém: The Hebrew University of Jerusalém, 2001. v.17. Disponível em: <<http://atar.mscc.huji.ac.il/~english/IATL/17/>>. Acesso em: 01 jul. 2008.

TENNY, C. L. *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht: Kluwer, 1994.

WHITAKER-FRANCHI, R. C. M. *As construções ergativas: um estudo sintático e semântico*. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

WILLIAMS, E. Reciprocal scope. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.22, p.159-173, 1991.

Recebido em agosto de 2008.

Aprovado em janeiro de 2009.

